

A VOZ — SINAL DO SER

MARIA JOÃO SERRÃO

Inserindo-se na tese de Heidegger sobre a linguagem que institui uma clivagem entre o *dizer* e o *falar*, Paul Ricoeur faz a seguinte proposição:

«O *dizer* designa a constituição existencial e o *falar* o seu aspecto mundano que cai no empirismo. É por isso que a primeira premissa do *dizer* não é o *falar* mas a dupla *escutar*/*calar-se*.»

ou mais detalhadamente como Heidegger propõe:

«*Escutar* (*horchen*) não é possível senão a partir de *ouvir* (*hören*); mas *ouvir* não é possível senão a partir de *compreender*. Donde o carácter hermenêutico da problemática da linguagem. A voz é uma função de escuta e, se o homem fala, não é de modo algum porque possui um órgão vocal mas pelo facto dele ser esta instância que descobre o mundo e o estar nele (*Dasein*) enquanto tal.»

e a completar este enunciado Daniel Charles na sua obra «Le Temps de la Voix», afirma:

«A voz vem ao homem daquilo que ele compreende o mundo. A voz é uma função de mundo.»

Se aceitarmos as proposições acima enunciadas inferimos que a abordagem da problemática da voz e da sua representação da linguagem é tão vasta quanto o próprio mundo — o que nos coloca perante uma nova questão que é a de definir esse mundo.

Tratar-se-á do mundo físico/geográfico que nos rodeia com maior ou menor proximidade? Do mundo da civilização ocidental (para não dizer do mundo da CEE!) Do mundo globo? ou do além mundo?

Numa tentativa de não ultrapassar determinados limites que nos poderiam fazer passar a uma outra e inesperada dimensão, prefiro considerar esse mundo, por agora, como o do conjunto dos seres vivos que nos rodeiam, fisicamente mais ou menos próximos e se encontram à procura de entender melhor que espécie de fenómeno é este — o da voz de cada um, o que ele comporta de significância, que novas realidades poderá deixar ante-ver!

Implicitamente procuram processos que lhes permitam dominar esse instrumento porque a intuição lhes revelou que ele pode ser um meio eficaz de comunicação, um canal de abertura a outros dizeres e falares que se materializam pela linguagem, utilize ela o código que utilizar; mas, desafiando convenções, pode, para lá disso tudo, desencadear determinados fenómenos vibratórios de cuja percepção desejam ter plena consciência.

Recorro de novo a Daniel Charles quando diz:

«Estar à escuta do ser é ver-se envolvido numa função de linguagem que pretende que a língua fala para lá de cada interlocutor, através da sua boca mas enquanto essa boca se não dedica apenas ao único canto, ao único dizer do poeta. VOX OMNIUM, nós todos, poetas e não poetas — se se quiser poetas e guardiães da poesia — nós todos estamos implicados. A implicação da língua diz respeito a todos sem discernimento. E o professor Gadamer diz aos seus alunos: ... Deveis apurar o vosso ouvido, deveis saber que quando tomais uma palavra na vossa boca não estais a utilizar um instrumento qualquer que se não servir se põe de lado; estais a fixar uma direcção do pensamento que vem de longe e vai para muito mais longe que vós.»

Referi o termo processos para dominar o instrumento voz e eis que toquei numa questão fundamental, comum a praticamente todas as actividades do homem contemporâneo na sua ambição cada vez maior de dominar, apropriar-se de todos os meios que lhe permitam atingir o mais depressa possível grande produtividade e eficácia — esta é a questão da *técnica*.

A técnica impõe-se, ganha terreno — ela é, de facto, indispensável — no que se refere à emissão vocal é ela que determina a maior ou menor capacidade de proferir um texto com clareza, em longas frases que exigem um bom control respiratório, bem projectado dispensando qualquer tipo de amplificação; é ela que permite um longo canto sem entrecortar a linha do legato, penetrante no espaço onde se irradia em círculos de ampla dimensão; a técnica dá segurança ao emissor e, consequentemente, ao receptor; acentua a convicção; pouco a pouco vai absorvendo o espaço da dúvida, da interrogação; é brilhante a sistematizar; persistentemente vai-se apropriando do objectivo que deveria servir, torna-se uma razão de ser em si própria e, quando menos se espera, substitui o instrumento de trabalho que era suposto ser e torna-se no objecto redutor do próprio trabalho que

induz — no que respeita a voz em detrimento da expressão, do conteúdo do texto, do objecto da comunicação.

Seria oportuno perguntar onde se encontra neste ponto aquela voz de que fala Daniel Charles:

«Esta voz nenhuma disciplina a domina... ela é a voz do mundo: CANTO. Ela é o poema do Ser no sentido em que ela está para além de nós mesmos, no sentido em que o homem é este poema que o Ser começou...»

Aprender a dominar o aparelho vocal (esperemos que para mais tarde o libertar) é do âmbito da técnica, do espaço que ela deveria ocupar sem exorbitâncias, favorecendo aquilo que proponho se respeite como sendo a voz *individualizada*.

Quando é que a técnica exorbita esse espaço? Creio que quando é aplicada como um método, sem questionamento sistemático, compilando exercícios que se fazem repetir exaustivamente, indistintamente, numa tentativa de uniformizar vozes e processos de emissão sem o mínimo recuo que admita a falibilidade de métodos e escolas, numa obstinação que renega a diversidade vocal e a proposta sempre renovada que transporta consigo toda e qualquer voz.

A indiferença a este elemento diversificador da voz, que é intrínseco à própria natureza, determina a castração do timbre e da personalidade vocal e é fonte de indescritível angústia por parte do emissor que se vai sentindo cada vez mais distanciado daquilo que antevê poderia ter sido a sua voz.

Há, pois, que definir os parâmetros aos quais a técnica se deverá circunscrever impedindo, pelo bom senso, que ela se venha a sobrepor à especificidade do timbre, à natureza da textura e à expressividade que caracterizam uma voz e que, pelo contrário, aplicada com discernimento venha a contribuir para uma melhoria daquelas qualidades por uma avaliação correcta das suas limitações.

A questão da técnica não é, porém, tal como afirmei uma questão específica da voz e em termos muito mais gerais eis algumas considerações de Heidegger no seu trabalho «Essais et Conférences» onde dedica todo um capítulo a esta matéria:

«A técnica não é o mesmo que a essência da técnica... Assim também a essência da técnica não é nada de técnico...

... Durante muito tempo se ensinou que a essência de uma coisa é aquilo que essa coisa é. Nós interrogamo-nos a respeito da técnica quando queremos saber o que ela é e todos conhecem as duas respostas que se dão normalmente a esta questão: — a técnica é o meio para atingir certos fins — e — a técnica é uma actividade do homem. Porém, estas duas maneiras de definir a técnica

são solidárias uma da outra porque determinar objectivos, constituir e utilizar meios, são actos do homem.

... O conjunto destes dispositivos é a técnica enquanto ela própria é em si mesma um dispositivo — EINRICHTUNG — em latim um «instrumentum».

Podemos surpreender-nos de que por todo o lado se instale o frenesim da técnica até ao dia em que através de todas as coisas técnicas a essência da técnica desdobrará o seu ser no advento da verdade...

... Questionando-nos assim somos testemunhas da situação crítica em que à força de técnica não nos apercebamos mais do ser essencial da técnica, em que à força de estética não preservemos mais o ser essencial da arte.»

Qual é a relação que é no entanto possível estabelecer entre a técnica e a voz individualizada? Proponho que a técnica seja posta ao serviço do INSTRUMENTUM corpo ele mesmo enquanto fonte sonora da VOZ. E porque é a sua fonte sonora ele é indissociável da própria voz.

Assim quando Daniel Charles diz: «Todos os homens têm uma voz, isto é, escutam o Ser», é legítimo considerar que não se trata aqui da escuta feita através do órgão auditivo mas sim da escuta que se realiza através do instrumento CORPO, que ele é simultaneamente aquilo que escuta e que é escutado e que a VOZ é a materialização dessa mesma escuta.

Teremos assim como hipótese possível que a voz é uma representação daquilo que tem de mais essencial o produto da vibração do corpo total, físico e psíquico posto em condições de disponibilidade e activação que lhe permitem captar a vibração exterior com a qual o seu íntimo se encontra em sintonia, o que não exclui o processo inverso. Daí que, ao falar-se de voz se refira uma emissão sonora produzida por um ser global, receptor e transmissor, estando implicadas neste fenómeno vibratório todas as capacidades do ser que pensa, age, goza e ainda não perdeu o sentido de humor que o impele a comunicar com os outros.

A complexidade deste fenómeno natural é, simultaneamente, a realidade que nos obriga a avaliar quanto de animal — porque de corporal e intuitivo — quanto de psíquico e mental ele implica o que por si só chega para estabelecer as normas do relacionamento entre aquele que procura encontrar a sua autêntica voz e aquele que crê poder lançar algumas pistas nessa procura.

Esta questão releva do âmbito da pedagogia mas creio que terá como condição fundamental o respeito pelo ser total, desconhecido à partida, sujeito a transformações físicas e a uma evolução mental e psíquica constantes. A pedagogia não poderá neste caso senão desejar ir ao encontro daquela realidade que fica para além do próprio ser presente.

Pela voz pois se transmite o que se *é*, o que se *quer*, o que se *ama* ou *desama*; porém, no encontro da *sua* voz com a voz dos *outros* rectificam-se

aqueles condimentos e, de vários *quereres* individuais, corre-se o risco de chegar a um *querer* colectivo.

Se a voz é indício de certos traços de carácter como a timidez, a vaidade, a generosidade, a insegurança, etc. ... terá cabimento questionar se esses mesmos traços não serão alteráveis através da voz, ou seja, se determinadas características são denunciadas pela voz até que ponto uma mudança na emissão vocal poderá determinar alterações desses estados.

Sobre esta questão refiro de passagem algumas afirmações de J. C. Benoît na obra «Expression Scénique»:

«No que respeita à voz que é sobretudo apelidada no teatro de barómetro dos sentimentos o timbre é muito revelador dos estados emocionais. Ao escutar uma emissão radiofónica numa língua desconhecida é relativamente fácil discernir os sentimentos sinceramente experimentados pelos participantes. É pois capital que a voz conserve a sua personalidade mas é bom proporcionar-lhe um alargamento, uma expansão de registos, um enriquecimento do timbre...

... Algumas vozes são guturais, secas, inaudíveis, sem medida. Podem ter sido alteradas por afectações físicas ou perturbações da mente...

... Uma boa articulação clara, precisa, aliando a energia à leveza é uma qualidade a não desprezar na expressão verbal.

A dicção pode revelar certos aspectos da personalidade: voz sacudida, agressiva, morna, tatebitate, gaguejante, etc. ... A sua melhoria tem um efeito benéfico sobre a conduta do sujeito e permite beneficiar o trabalho sobre os textos.»

Terminaria dizendo que, para além dos aspectos interpretativos da voz que aqui apenas se abordaram seria injusto não referir as manifestações vocais de ordem criativa, improvisadas independentemente dum texto, utilizando como única linguagem a linguagem dos sons.

Porém, como só essa matéria seria objecto de larga dissertação optei por passar aqui um breve excerto gravado de uma improvisação vocal realizada pelos alunos do 1.º ano da Escola de Teatro, colocados num espaço específico, sem imposição de regras, deixando acontecer uma realização vocal/musical, talvez próxima daquela a que Daniel Charles se refere quando termina com as seguintes palavras:

«...que a verdadeira música do Ser não existe ainda porque nós estamos em vias de a compor...»

Bibliografia:

Les Temps de la Voix, Daniel Charles, Ed. Universitaires J. P. Delarge, Paris, 1978.

Essais et Conférences, Martin Heidegger, Ed. Gallimard, Paris.

L'Expression Scénique, Emile Dars et J. C. Benoît, Ed. E. S. F., Paris, 1973.